

Revista Filosófica de Coimbra

vol.11 | n.º22 | 2002

Miguel Baptista Pereira
Mário Santiago de Carvalho
Fernanda Bernardo
Cristóvão da Silva Marinheiro

CRÓNICA

1.º ENCONTRO NACIONAL DE FILOSOFIA ANALÍTICA (Universidade de Coimbra, 17 e 18 de Maio de 2002)

Organizado pela Unidade I&D “Linguagem, Interpretação e Filosofia”, da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), tendo como Comissão Científica Henrique Jales Ribeiro (Universidade de Coimbra), João Branquinho (Universidade de Lisboa) e João Sáâgua (Universidade Nova de Lisboa), com o apoio do Instituto de Estudos Filosóficos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e sob os auspícios da *European Society for Analytical Philosophy*, o 1.º Encontro Nacional de Filosofia Analítica (ENFA-1) realizou-se nessa Faculdade nos dias 17 e 18 de Maio de 2002, congregando pela primeira vez a nível nacional uma parte numerosa e significativa de todos aqueles que em Portugal trabalham na tradição analítica em filosofia ou se interessam pelo seu estudo e divulgação. Entre os participantes que apresentaram comunicações incluíam-se docentes das diferentes Universidades portuguesas (públicas e privadas) quer na área filosófica quer na da matemática e da informática, jovens investigadores bolsheiros da FCT que preparam teses de doutoramento no nosso país e/ou no estrangeiro, e docentes do Ensino Secundário envolvidos em projectos de investigação similares. O Encontro contou com a presença de três convidados estrangeiros de reconhecido mérito e reputação: Pieter Seuren, do Max Planck Institut for Psycholinguistics, Manuel Garcia-Carpinteiro, da Universidade de Barcelona, e Charles Travis, da Northwestern University (Illinois-Chicago, U. S. A.). No total foram apresentadas trinta e duas comunicações das trinta e três programadas e inicialmente previstas, cobrindo os mais variados domínios, desde a filosofia da arte, a filosofia política, a filosofia da ciência, ou a ética, à lógica propriamente dita e à filosofia da mente ou da consciência, passando pela história da filosofia analítica no seu conjunto.

O objectivo fundamental do Encontro foi promover e institucionalizar o intercâmbio científico e intelectual entre os participantes de maneira geral. Para além disso, um outro vector consistia em dar expressão não só à discussão entre os diferentes modos de encarar, hoje em dia, a tradição analítica no próprio seio da mesma, mas também, tanto quanto possível, ao diálogo entre ela e a chamada “tradição continental”. Deste ponto de vista, importa assinalar a apresentação no evento de algu-

mas comunicações cujos autores não se identificam totalmente com a filosofia analítica *strictu sensu*, o que, nos casos em apreço, suscitou debates interessantes e clarificadores para ambas as partes. O espírito de abertura, colegialidade e tolerância que caracteriza o desenvolvimento da tradição analítica em filosofia desde os seus primórdios foi também, pois, uma marca indelével do próprio Encontro.

O elevado número de participantes (com e sem comunicações) obrigou ao desdobramento do evento em sessões plenárias e paralelas durante os dois dias em que ocorreu, facto que não é muito habitual entre nós, no que à filosofia diz respeito, e que deve ser, pois, realçado. Antes do mais, os participantes sem comunicações (para mais de duas centenas e provenientes de diferentes partes do país) tiveram a oportunidade de conhecer informalmente o riquíssimo panorama de temas que ocupam hoje em dia os filósofos analíticos entre nós, de assistir, *in loco*, às comunicações do seu interesse e escolha intervindo na discussão das mesmas, e de se confrontar com variadas (e nem sempre complementares) perspectivas sobre cada um deles. (Neste sentido, a comissão promotora do Encontro facultou a maior informação possível sobre cada comunicação a apresentar, pondo à disposição de todos os participantes, quando existia, o respectivo texto.) O conhecido apego metodológico pela investigação tentativa e cooperativa dos problemas, que caracteriza secularmente o laboratório analítico até aos nossos dias, teve, assim, a expressão organizativa adequada no próprio evento e (estima-se) o impacto científico-pedagógico devido e adequado. A publicação das *Actas do 1.º Encontro Nacional de Filosofia Analítica*, que se aguarda com natural expectativa, só virá comprovar e reforçar, a seu modo, o que acabámos de dizer.

Nas sessões plenárias, como convidados portugueses, intervieram Manuel Lourenço (“Estruturalismo”), Carmo d’Orey (“Sistemas simbólicos, arte e interpretação”) e António Marques (“De que falamos quando falamos da ‘autoridade da 1.ª pessoa’?”), que abordaram, respectivamente, alguns aspectos fundamentais do estruturalismo quando aplicado à nossa interpretação dos sistemas formais na lógica e na matemática de maneira geral, o interesse e originalidade de uma teoria da simbolização estética do ponto de vista analítico, sobretudo quando esta apela para os mesmos recursos da lógica extensional que são utilizados para compreender a ciência, e a questão de saber que autoridade tem a 1.ª pessoa como condição de possibilidade da interpretação e, em particular, relativamente aos conteúdos das suas crenças. Por sua vez, do lado dos convidados estrangeiros, Pieter Seuren (“The Logic of Thinking”) intentou uma reformulação dos pressupostos essenciais da nossa concepção hodierna da lógica, que é suposto preservar todas as vantagens da lógica aristotélica ao mesmo tempo que dispensa a pragmática, Charles Travis (“Harmony”) visou uma reformulação similar no que diz respeito à teoria da verdade aplicada às linguagens naturais e quando devidamente reelaborada a partir da sua versão original em J. Austin, e Garcia-Carpinteiro (“A non-modal conception of secondary properties and dispositions”) ocupou-se das implicações lógicas do problema da distinção entre propriedades primárias e secundárias.

Não sessões paralelas, como se disse mais acima, foram diversos os assuntos abordados pelas comunicações, de que aqui se dá conta pela natureza dos respectivos temas. Começamos pelos menos escolhidos mas nem por isso menos relevantes, e, justamente, por uma comunicação a que acima aludimos, a qual denuncia uma postura crítica e controversa sobre a filosofia analítica, que não é possível discutir nesta Crónica. *ADÉLIO MELO* (“Um filósofo desconhecido da filosofia analítica”) criticou o que chamou o “reducionismo empirista” da filosofia analítica, salientando como para M. Foucault os enunciados com significado não se reduzem apenas aos que expressam proposições (no sentido lógico do conceito). No âmbito da filosofia da arte, *AIRES ALMEIDA* (“As teorias essencialistas acerca do problema da definição da arte”) retomou, a seu modo, aquela mesma problemática da interpretação analítica da obra de arte que tinha ocupado Carmo d’Orey numa sessão plenária para pôr em contraste uma tal interpretação com o que designou por “teorias essencialistas” sobre a matéria. No da filosofia social e política, *ANTÓNIO MANUEL MARTINS* (“O dilema do prisioneiro”) fez o balanço do discussão do dilema que nos anos cinquenta foi proposto por M. Dresher e M. Flood, e problematizou as suas implicações para uma possível teoria da acção e da racionalidade prática. No quadro da filosofia da ciência, *JOÃO FONSECA* (“Reduccionismo e evolução científica: uma nova perspectiva”) examinou a questão do reduccionismo das teorias científicas desde uma das suas primeiras formulações históricas (com E. Nagel) até a abordagens mais recentes e alternativas, oferecendo o esboço teórico genérico de uma superação conciliatória tanto de umas como de outras. No que à filosofia da matemática diz respeito e, em especial, à sua história, o matemático *FERNANDO FERREIRA* (“Emendando o *Grundgesetze der Arithmetik* de Frege”) questionou o problema da conhecida contradição que B. Russell, faz agora cem anos, assinalou no sistema formal exposto pela referida obra de Frege, reclamando a consistência desse sistema na sequência da investigação recente de R. Heck e discutindo as implicações filosóficas deste resultado das suas investigações. O especialista na aplicação da lógica à informática, *ANTÓNIO BRANCO* (“Condições de possibilidade para a computação da representação semântica: o caso da negação”) debruçou-se sobre o problema levantado à computação, a partir da forma de superfície dos enunciados, pela representação semântica da negação, elencando as teorias e problemas-tipo a tal respeito na literatura corrente. No âmbito da história da filosofia analítica, *HENRIQUE JALES RIBEIRO* (“O mito da redução da matemática à lógica: cem anos depois de *Os Princípios da Matemática* (1903-2003)”), retomando alguma historiografia que na última década tem vindo a mostrar a existência de certos compromissos entre o logicismo de Russell a partir de 1900 e a sua filosofia anterior a esta data, sugeriu a importância essencial dos mesmos quanto ao problema da redução da matemática à lógica. Tendo em vista um contexto histórico mais restrito mas não menos filosoficamente importante, *MARIA LUÍSA COUTO SOARES* (“Linguagem e pensamento em Frege”) procedeu a uma análise atenta do ensaio

de Frege “Der Gedanke”, equacionando alguns problemas prementes aí levantados, para nós hoje em dia, do ponto de vista da filosofia da mente. Quanto à ética e à filosofia moral em geral, ALFREDO DINIZ (“Ética naturalizada: um século depois de G. E. Moore”) discutiu as implicações históricas e filosóficas do debate sobre a ética evolucionista e o naturalismo em ética de maneira geral que, no final dos anos trinta, foi aberto pela crítica de W. K. Frankena aos *Principia Ethica* de Moore. MARINA RAMOS THEMUDO (“Linguagem e realidade: de Platão a Wittgenstein”), por outro lado, procurou desvelar o texto ético profundo que estará subjacente quer a certos diálogos platónicos (como o *Teeteto*) quer às *Investigações Filosóficas* de L. Wittgenstein. PEDRO GALVÃO (“A justificação absolutista do duplo efeito”) apresentou as linhas gerais da doutrina aludida no título da sua comunicação, a qual inspira uma deontologia mais ou menos recorrente em diversos domínios (sociais, profissionais e políticos), questionando-a em particular na sua versão “absolutista”. Do ponto de vista da filosofia da mente ou da consciência, ANDRÉ ABATH (“O que há de errado com a teoria do pensamento de Davidson?”), apresentou e criticou a teoria de D. Davidson segundo a qual linguagem e pensamento são interdependentes e só podemos considerar pensantes seres que possuem uma linguagem, rejeitando as suas conexões behavioristas e, finalmente, a própria teoria. ISABEL GÓIS (“E se alguma coisa corre mal? Teorias da consciência de ordem elevada e a possibilidade de erro”) mostrou em que medida as teorias da consciência referidas não representam adequadamente os nossos estados conscientes e, em particular, a possibilidade de erro, sugerindo que elas falham precisamente estes objectivos fundamentais. JOÃO BRANQUINHO (“Kripke contra o materialismo”) examinou os argumentos de Kripke, em *Naming and Necessity*, contra três versões da teoria materialista da mente, discutindo as respectivas implicações filosóficas. JOSÉ MANUEL CURADO (“Funções para os *qualia*: os argumentos modais de Reid”), por sua vez, examinou os argumentos de Reid sobre a razão da existência dos *qualia* ou propriedades secundárias, mostrando como o estatuto problemático destas (ilustrado por situações contrafactuais) atinge o âmago daquilo a que chamou “o problema duro da consciência”. MAFALDA EIRÓ (“Intenção e comunicação”) explorou a questão do papel da intenção na comunicação e na teoria do significado de modo geral tomando como base os trabalhos de J. Searle e P. Grice. SOFIA MIGUENS (“Teorias representacionais da consciência: F. Dretske versus D. Dennett”), por último, estabeleceu um contraste entre as teorias dos autores aludidos insistindo na maior pertinência da primeira particularmente no que concerne à necessidade de incluir na teoria da consciência uma abordagem do que Dretske chamou a “percepção epistémica”. No quadro da lógica propriamente dita e, em especial, da teoria do significado, ADRIANA SILVA GRAÇA (“Níveis de compreensão de termos para espécies naturais”) discutiu os argumentos avançados por J. Stanley contra o argumento anti-descriptivista de termos para espécies naturais proposto por H. Putnam em “The Meaning of *Meaning*”. CÉLIA TEIXEIRA (“O conhecimento da lógica e a teoria

da definição implícita”) procurou fazer ver em que medida a teoria mencionada falha em apresentar um bom modelo explicativo do conhecimento da lógica, apesar de constituir uma resposta satisfatória à questão de saber como é que os conectores lógicos adquirem significado. *DESIDÉRIO MURCHO* (“O que é a necessidade metafísica”), em ordem a que se compreenda o que é a necessidade metafísica e a obviar aos obstáculos à sua compreensão, distinguiu três grupos de verdades necessárias (lógicas, físicas e metafísicas) e, em contraste com alguma literatura na matéria, procurou definir cada uma delas com a consistência requerida. *JOÃO SÁAGUA* (“Notas sobre forma lógica e arregimentação”), retomando e discutindo Quine, abordou as implicações do problema de saber o que fazemos quando parafraseamos uma frase através da introdução de símbolos para as funções de verdade e os quantificadores. *PEDRO SANTOS* (“Intensionalidade e teorias do significado”), analisou e desenvolveu as potencialidades da teoria intensionalista de T. Parsons sobre o significado. *PEDRO SANTOS* (“Duas espécies de condicionais”), da Universidade do Algarve, debruçou-se sobre o modo como a contrafactualidade determina o significado das (frases) condicionais, examinando, em especial, a teoria de acordo com a qual as condições de verdade das condicionais contrafactuais diferem das das outras condicionais. *RICARDO SANTOS* (“Leis do argumento da funda”) ocupou-se da projecção histórica e filosófica do argumento originalmente concebido por A. Church para dissuadir Carnap de considerar que as frases referem proposições e reconduzi-lo à posição fregeana ortodoxa sobre o assunto. *TERESA MARQUES* (“Liar Sentences and Soame's Rejection of Bivalence”) discutiu e criticou os argumentos de S. Soames segundo os quais a análise de enunciados do tipo do mentiroso deve levar-nos a rejeitar a bivalência, concluindo pela sua improcedência. E *VÍTOR MOURA* (“Compositionality, function-duality and the asymmetries between subjects and predicates”) tomou como assunto da sua comunicação a análise dos diferentes modos de explicar a unidade da proposição e, nesse âmbito, três espécies de assimetrias entre sujeito e predicado.

À luz da síntese das comunicações que acabámos de fazer, o saldo científico do 1.º Encontro Nacional de Filosofia Analítica parece ser, sem qualquer dúvida, brilhante. Mas também no que diz respeito à divulgação da tradição analítica em filosofia o balanço do Encontro é muito positivo, sendo de destacar, a este propósito, a criação da Sociedade Portuguesa de Filosofia Analítica, que visa justamente promover uma tal tradição junto da comunidade filosófica e da sociedade portuguesas de maneira geral. A filosofia em Portugal, quantas vezes não suficientemente respeitada e acarinhada, esteve e está de parabéns, pelo menos até a um 2.º Encontro (previsto para o ano de 2004 na Universidade do Porto).

Henrique Jales Ribeiro